



## **SEMINÁRIO MAIOR ARQUIDIOCESANO DE BRASÍLIA**

TRINDADE – Pe. Severino Henrique

ALUNO: Lucas Tadeu da Silva

### **A TEOLOGIA DA TRINDADE DO FINAL DO SÉCULO II E DO SÉCULO III**

O sexto capítulo da obra *O Deus Vivo e Verdadeiro*, do cardeal Ladaria, disserta o tema da teologia trinitária no final do século II e todo o século III. Neste capítulo o autor enfatiza as figuras de Santo Ireneu de Lyon, Tertuliano e Orígenes, embora, obviamente cite outros teóricos da teologia trinitária desta época.

A grande contribuição dos teólogos deste período está no desenvolvimento das terminologias que até hoje são usadas pela Igreja ao referir-se à Trindade. Além do mais, cresce nesse período a Pneumatologia, uma vez que o Espírito Santo é parte da Trindade, e era pouco citado ou estudado.

#### **Santo Ireneu de Lyon**

Um das figuras mais importantes deste período da Igreja é Santo Ireneu, bispo de Lyon, na atual França. Ele é, sem dúvida, um grande elo de ligação entre o Oriente e o Ocidente. Sua grande preocupação era a doutrina gnóstica que estava ameaçando a fé ortodoxa da Igreja.

A danosa doutrina gnóstica possuía aquela noção exclusivista de que somente alguns iluminados podiam ter acesso ao conhecimento dos mistérios. A fim de combater as ideias gnósticas, Santo Ireneu propõe que a fé da Igreja é acessível a todos, até mesmo aos menos letrados.

A sua doutrina trinitária em certos momentos acaba por limitar-se ao Pai e ao Filho, sem fazer menção ao Espírito Santo. Todavia, em outros escritos, a formulação trinitária parte justamente do Espírito Santo, que agindo no homem, o conduz ao Filho, e conseqüentemente, ao Pai. Ireneu ainda mostra o Filho e o Espírito Santo como sendo “as duas mãos de Deus Pai”, pois este é assistido pelo Verbo e pela Sabedoria, ou seja, o Filho e o Espírito Santo. Deste modo, a obra criadora do Pai relaciona-se com a obra

redentora do Filho, e com a obra santificadora do Espírito Santo, pois ambos atuam diretamente na obra criadora do Pai.

Com esta teoria, Ireneu refuta as teses do herege Marcião, que negava que a Criação vinha de um único Deus. De fato, a Criação inteira vem do Pai, que tudo realiza com seu Filho e o Espírito Santo. Assim, está estabelecida na teologia de Ireneu a fé inteiramente trinitária.

Como Ireneu comenta a relação dos três na vida intra-divina? Ireneu não procura ser muito profundo no mistério da geração do Verbo, e evita as analogias com a Psicologia. Ireneu baseia-se na passagem do profeta, que diz: “quem poderá contar sua geração?” (Is 53,8). Contudo, por não desenvolver muito a teologia deste mistério, não se pode afirmar com determinação quando e como se dá a geração do Verbo em Ireneu, o que se sabe é que o Verbo existe “desde sempre”.

Ireneu defende que o Filho é Deus com certeza, e participa plenamente da plenitude do Pai; contudo, para ele, o termo “ὁ Θεός” é próprio do Pai. O bispo de Lyon aceita a divindade do Filho, mas não nega que haja uma certa subordinação ao Pai, e não afirma uma consubstancialidade perfeita, pois o Filho não é igual ao Pai em todos os atributos. Para ele, o termo *homoousios* é tendencioso, materialista e gnóstico, por isso não o utiliza.

Um ponto de grande relevância para a teologia de Ireneu é o fato de o Filho ser o conhecimento do Pai, sendo sua representação visível, o que implica uma unidade entre ambos. Contudo, pensar assim pode soar como que o Filho sendo inferior ao Pai. A paternidade de Deus manifesta-se justamente no seu amor pelo mundo ao enviar seu Filho para salvá-lo e mostrar-lhe o Pai. Já o Espírito Santo trata-se do sopro vital sempiterno, que, superiormente à alma, pode dar-nos a vida eterna, não somente de modo temporal. Portanto, para Ireneu, o Espírito Santo é aquela “sabedoria criadora” citada em Pr 8,22ss.

Ireneu não desenvolve de modo sucinto a sua Pneumatologia, mas coloca o Espírito Santo como “servidor do Filho”, sempre associado à sua obra, fazendo o homem assemelhar-se sempre mais com o seu Criador, sendo sempre *imago Dei*. Assim, o Pai ocupa-se daquelas coisas relacionadas à Criação e sustenta o seu Verbo; o Verbo, por sua vez, outorga ao Espírito a todos os seres, de acordo com a Vontade do Pai. Com relação a isso, o cardeal Ladaria cita Orbe, onde, segundo ele, a processão do Espírito assemelha-se à Criação de Eva. De fato, no “sono do Lógos” deu-se origem à Sabedoria do mundo.

## Tertuliano

Este escritor eclesiástico tem grande importância para a teologia deste período, pois ele é o criador do grande vocabulário trinitário latino. Para isso, ele remonta muitas vezes aos padres apologetas, retomando as controvérsias existentes naquele período. Uma grande questão à qual Tertuliano se ocupou foi a da unidade e distinção que há em Deus. Isso ele o faz sua obra magna, o *Adversus Praxeam*; de fato, Práxeas tinha opiniões patripassianas, onde foi o próprio Pai que desceu no seio da Virgem, encarnou-se, padeceu e morreu na cruz. Tertuliano escreve dando testemunho de Jesus que é Filho de Deus, o Verbo Encarnado que desceu, se encarnou morreu e ressuscitou, subiu aos céus e enviou o Espírito Santo aos apóstolos.

Todavia, defender esta unidade não significa dizer há em Deus uma só Pessoa, mas sim que Deus é Uno porque tudo vem Dele, que é único pela sua unidade de substância. Assim, “há um só Deus do qual esses graus, formas e manifestações se distribuem nos nomes do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. De fato, a unidade entre os três dá-se na substância, e manifesta-se também no *status* e na *potestas*, de modo que os três pertencem à ordem divina. As diferenças se dão apenas no grau, na forma e na espécie, mas não afetam a unidade radical de Deus, nem tira a soberania do Pai.

Tertuliano utilizará o termo *trinitas* para desenvolver este mistério, e também será o primeiro a usar o termo “pessoas” para definir cada um dos três. De fato, eles são unidos na substância divina, e distintos em pessoas. Já que o Verbo procede do Pai, deve ser distinto Dele, porém unido à sua substância divina. Há distinção também em grau, onde o Pai contém toda a substância divina, e o Filho apenas uma porção ou derivação dessa divindade. Aqui faz sentido o que Jesus diz: “o Pai é maior que eu” (Jo 14,28).

Com relação à processão do Verbo, Tertuliano é mais profundo que Ireneu, e além disso, procura comparar esta processão com a mente humana. Há, deste modo, algumas fases na processão do Verbo:

1. A primeira fase é eterna e o intelecto divino, que é eterno, contempla-se a si mesmo.
2. A segunda fase tem lugar antes do tempo, e prepara a economia salvífica. O Lógos contempla-se a si mesmo e dá-se a conhecer aos outros.
3. Na terceira, que também ocorre antes do tempo, inicia-se em Deus a concepção do *Λόγος ενδιθητος*, da Palavra eterna pessoal que Tertuliano chama de *sophia*, citando Pr 8,22.

4. No primeiro dia, Deus cria a luz, e assim nasce de modo perfeito a Palavra proferida e gerada, que sai de Deus que diz “*fiat lux*”. (Gn 1,3). Quando a Palavra sai de Deus, faz Dele o seu Pai, e torna-se Filho primogênito gerado antes de todas as coisas.

Assim como em Ireneu, este Filho é cognoscível antes mesmo da Encarnação, e isto mostra que as teofanias do Antigo Testamento já mostram o Filho, que é Aquele que dá a conhecer o Pai.

Tertuliano ainda acrescenta algumas coisas acerca do Espírito Santo. Este vem do Pai pelo Filho, e isto se dá porque somente o Pai pode atuar como agente principal na processão do Espírito, uma vez que Ele é o princípio remoto e principal de todas as coisas. Assim sendo, o Pai realiza a Criação, o Filho realiza a segunda Criação, que é a salvação do gênero humano, e o Espírito nos faz chegar à perfeita semelhança do Verbo Encarnado.

Deste modo, Tertuliano nos oferece uma teologia trinitária bem desenvolvida, onde acentua-se a unidade da Trindade, mas destacando aquelas diferenças que se dão principalmente às pessoas, os graus, e outros aspectos.

### **Santo Hipólito de Roma**

O cardeal Laderia procurou não adentrar muito nas questões mais profundas de Hipólito, apenas a alguns pontos da sua obra *Contra Noetum*.

Para Hipólito, o Filho é Lógos, espírito e força, ou seja, o Pai, que é espírito, gera em seu seio um fruto espiritual, que possui uma origem divina, e é consubstancial ao Pai. Todavia, esta geração do Verbo não compromete a unidade divina, como dizia Noeto e Práxeas, que eram de tendência patripassiana. Assim, Deus está, e cria porque quer, e também gera o Lógos de acordo com a sua vontade.

O primeiro passo para a distinção entre Deus e o Lógos é a Criação do mundo, pois assim criando, Deus manifestou ao mundo o seu Lógos, pois tudo foi feito por meio Dele. Assim, Deus gera o Lógos em vistas de criar o mundo. Deste modo, há uma estreita relação entre a geração do Verbo e o seu envio ao mundo para salvá-lo. Portanto, há também uma relação grande entre sua geração e sua encarnação no seio de Maria. O seio do Pai gera o Verbo *secundum Spiritum* e o seio de Maria o gera *secundum carnem*.

Por fim, Hipólito fala de dois *prósopa* em relação ao Pai e ao Filho, mas não ao Espírito Santo. Contudo, fala-se da *Tríadas*, e por isso adoramos aos três.

## Orígenes

A teologia de Orígenes, por completa é rica e complexa, e o cardeal Ladarria procurou ocupar-se somente de alguns pontos de sua teologia trinitária, e inicia o estudo com uma passagem do *Comentário ao Evangelho de João*, onde Orígenes procura mostrar que, crer na divindade do Filho não é admitir mais um deus, nem se deve confundi-lo com o Pai. Para isso é preciso mostrar que Deus é o Deus em si (*αυτο Θεός*). O Verbo, enquanto presente no seio do Pai, é o primeiro a receber sua divindade.

Assim sendo, o Pai é o único Deus em si (*αυτο Θεός*), enquanto que o Verbo é o segundo Deus (*δευτερος Θεός*). Com isso é evidente a transcendência do Pai em relação à Criação, pois ele é o princípio (*ἀρχή*) de todas as coisas, e é superior ao Filho e ao Espírito Santo, que são transcendentos aos outros seres, mas são superados pelo Pai.

Este Pai Eterno e princípio de tudo gerou eternamente o Filho, e o Lógos é Filho desde o primeiro instante, e possui uma substância própria e incorpórea. Então o Pai desde sempre gerou o Filho, sempre foi Pai. Orígenes ainda chega a dizer que Deus também sempre foi criador, e as criaturas são eternas. A criação está feita desde sempre na sabedoria, e esta é identificada com o Filho.

Há, contudo, uma diferença entre as criaturas eternas e a Sabedoria: o Lógos, que é esta Sabedoria, não é prefigurado, e existe como tal. Ou seja, há uma processão eterna do Lógos, pois Deus é eternamente Pai do Filho. Este Filho manifesta Deus aos homens, e o faz ser reconhecido de modo *ad extra*, além de revelar a vida intratrinitária do Pai e do Filho. Deus é sempre luz, e o Lógos manifesta esta luz eternamente.

Ainda sobre esta geração eterna do Filho, Orígenes afirma que o Lógos é Deus por geração. Deste modo, é diferente o modo como ele participa da vida trinitária, e a vida que ele concede às criaturas, pois o Lógos é divino, mas também é uma pessoa própria, pois a individualidade do Filho é distinta da do Pai. O Filho, enquanto Deus, procede da mente do Pai, mas enquanto pessoa procede de sua própria vontade. Portanto, o Filho procede do Pai como a vontade procede da mente (*tamquam a mente voluntas*). Por isso, o Filho vem manifestar aos homens a vontade do Pai.

Diante dessas exposições, vem a questão: Jesus é Pessoa antes de ser Deus? Orígenes mostra que há no Lógos uma primeira fase de formação pessoal, outra de formação divina. Na primeira fase, Deus projeta na pessoa do Filho as perfeições que o compõem; na segunda fase, o Filho volta para Deus sua vista para receber a sua deificação. Por isso o Lógos está orientado também para a Criação.

A outra questão é: que tipo de união e distinção existe entre o Pai e o Filho? Há uma união do espírito, que é este substrato divino comum. Obviamente não há entre o Pai e o Filho uma identidade de sujeito, pois cada um é um. Há também a distinção pessoal, pois cada um é uma pessoa distinta da outra.

A pneumatologia de Orígenes mostra que só o Filho vem diretamente do Pai e é gerado por Ele. O Espírito Santo não é gerado, mas vem do Pai mediante o Filho desde a eternidade. Ele é distinto das criaturas, pois não foi criado *ex nihilo*, mas sua existência é eterna, como a do Filho. Há portanto, uma linha descendente na Trindade, que parte do Pai e “desce” até o Espírito Santo. O Filho ministra diversas atividades entre os homens, e estas são impulsionadas pelo Espírito Santo. Assim como o Lógos adquire consistência por meio da vontade do Pai, assim, o Espírito Santo também a adquire por meio do Filho.

Orígenes não utiliza o termo *trías*, mas há em sua teologia uma doutrina trinitária rica, e, ainda que haja controvérsias em seu pensamento, é ressaltado nele a unidade da trindade e sua relação com a Criação.

## **Novaciano**

Embora tivesse uma história de controvérsias, e tendo sido até mesmo antipapa, convém mostrar brevemente o que Novaciano escreve a sua obra *de Trinitate*, que escreveu quando ainda estava em comunhão com a Igreja.

Para ele, Deus é Criador, Senhor e Pai de toda a Criação, e por isso, vê-se aqui uma relação entre a paternidade de Deus e suas criaturas. Este Pai possui um Filho que também possui divindade – Deus que procede de Deus. Tudo o que o Filho é, recebe-o do Pai, e por isso é menor que Ele.

Com relação à emanção do Verbo, este existe desde sempre, e Deus é Pai desde sempre. Portanto, o Filho é Deus, mas em subordinação ao Pai que o gerou, e a união de ambos elimina a ideia de que haja dois deuses, mas também não se deve cair no patripassianismo de Sabélio.

Novaciano dedica o capítulo 29 do *de Trinitate* ao Espírito Santo. Não o chama de pessoa nem diz que é Deus, mas pelos seus efeitos pode-se atribuir a Ele um caráter divino. O Espírito Santo do Antigo Testamento é o mesmo do Novo, mas sua efusão plena dá-se depois de Cristo.

Por fim, o Espírito Santo está unido ao Pai e ao Filho. Todavia, não aparece em Novaciano o termo Trindade.

## **Dionísio de Alexandria e Dionísio de Roma**

Com relação ao estudo da Trindade, sempre houve grandes discussões nas diferentes escolas e tendências. Talvez a maior querela seja no enfoque dado a estudo: alguns acentuaram a unidade da Trindade; outros, como Orígenes, concentraram-se na distinção entre as pessoas. Todavia, esta discussão será ainda maior nos anos 257-260, quando o bispo Dionísio de Alexandria, ao querer refutar os sibelianos, acabou caindo no subordinacionismo, e isto caiu aos ouvidos do papa Dionísio de Roma.

As proposições de Dionísio de Alexandria separam o Pai do Filho, mas negam a eternidade da filiação divina: Deus não é Pai desde sempre, e o Filho não é eterno, pois não existia antes de ser gerado. Além disso, o Filho não é consubstancial ao Pai (*ομοουσιον το Πατρι*). O Filho é simplesmente uma criatura do Pai (*ποιημα*).

Diante disso, o Papa Dionísio procura um posição equilibrada entre os sibelianos e os que dividem a Trindade. Para isso ele defende uma monarquia, enquanto unidade das pessoas divinas sob o primado do Pai. Faz-se necessário também garantir a unidade do Pai com Filho, bem como separar as duas pessoas.

O papa também procura defender que o Filho não é criatura do Pai, pois sua geração não é uma criação; se o Filho fosse criatura, teria um tempo em que não existia. Contudo, Jesus afirma que existe desde sempre no seio do Pai (cf. Jo 14,10-11). Mesmo a Sabedoria citada em Pr 8,22, que afirma ter sido criada, não a foi de fato, pois não se trata de criação *ex nihilo*.

Deste modo, não se deve separar a unidade divina, mas mantê-la, embora Dionísio de Roma não utilize literalmente o termo Trindade. Contudo, ferir a unidade da Trindade é abrir as portas para que haja três deuses.

Dionísio de Alexandria procurou defender-se: diz não ter separado o Pai e o Filho, e a relação entre ambos mostram claramente que um sempre está com o outro, de modo que o Filho é “luz da luz”. Sobre ter afirmado que o Filho é obra de Deus, Dionísio defende-se dizendo que não chamou a Deus de “aquele que faz o Filho”, mas de “Pai”. O próprio Santo Atanásio entra em defesa de Dionísio Alexandrino, dizendo que ele estava se referindo à humanidade do Filho, mas isto é controverso, pois Dionísio falara das relações entre o Pai e o Filho, e não dos fatos após a Encarnação. De novo ele se defende mostrando que o Filho é “obra” do Pai, e não criatura.

Esta querela, embora tivesse sido resolvida com rapidez, é de importância para se mostrar a evolução da doutrina trinitária, que foi sendo desenvolvida ao longo dos séculos e dos estudiosos.